



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



**TEATRO NACIONAL, BRASÍLIA, DF, 5 DE NOVEMBRO DE 1995**

*Excelentíssimo Senhor Ministro da Cultura, Professor Francisco Weffort; Senhor Professor Cristovam Buarque, Governador do Distrito Federal; Senhores agraciados com a Ordem do Mérito Cultural; Senhores Ministros de Estado; Senhores Parlamentares; Senhores Embaixadores; Senhoras, Senhores; Senhor Professor Darcy Ribeiro,*

Significativamente, neste I Encontro da Cultura, os que me antecederam assinalaram, com muita propriedade, que uma das características que permitem a convivência nas civilizações contemporâneas é o respeito pela diversidade.

Hoje, desafortunadamente, ao iniciarmos este ato, prestamos uma homenagem a quem foi assassinado por, precisamente, ter se dedicado a entender que é preciso respeitar a diversidade e fazer um compromisso muito firme para com uma convivência civilizada, que está alicerçada na paz: o Primeiro-Ministro de Israel, Rabin.

O Ministro Weffort salientou já, aqui, aquilo que é peculiar neste encontro, que é a inspiração da nossa cultura. Nós somos um país multirracial, um país de grande diversidade e que se sente à vontade

com essa diversidade e com essa multiplicidade de raças e de culturas que formaram o ponto inicial daquilo que veio a ser o Brasil, com a sua identidade cultural, ressaltada pelo Governador Cristovam Buarque, diversidade essa que permite, precisamente, que essa convivência se enriqueça cada vez mais.

Até mesmo no modo como, hoje, se presta homenagem àqueles que receberam este galardão se vê que o Brasil é um país de amplo espectro na diversidade daqueles que o compõem e que sabe reconhecer, independentemente de orientações específicas, aqueles que se distinguem pela convicção com que fazem as suas obras e pela dedicação com que se devotam às coisas da cultura.

Acho que, a começar pela saudação ao Rabin, passando pelas saudações aqui já feitas e depois materializadas por um conjunto tão diverso de pessoas, de gerações, de formação cultural, de nível de sofisticação acadêmica, de dedicação à cultura e de orientação política também, tudo isso demonstra que nós, realmente, estamos entrando numa nova fase.

O Ministro Weffort há de se recordar de que, há algum tempo, depois de eleito Presidente da República, eu pedi que alguns amigos meus organizassem um encontro com intelectuais. Nesse encontro estiveram presentes algumas personagens importantes, como o Ministro da Cultura da França, ex-Ministro Jack Lang, como Vargas Llosa e, basicamente, vários setores da cultura brasileira.

E, naquele momento, eu dizia que tinha uma enorme responsabilidade, por ser professor – e, hoje, aqui, somos todos professores, e disso nos orgulhamos, a começar pelo nosso ex-Reitor Darcy –, eu tinha uma imensa responsabilidade de escolher para o Ministério da Cultura alguém que pudesse realmente fazer com que sentíssemos confiança e com que a ação do Governo Federal, em cooperação com a ação dos governos municipais e estaduais, mas sobretudo em cooperação com a sociedade, viesse a ser uma ação construtiva, uma ação que não fosse impositiva, mas que fosse capaz de estimular, uma ação que mostrasse claramente que os governos, no âmbito da cultura, quando promovem um encontro, quando apóiam uma iniciativa, quando destinam recursos a algumas dessas áreas, não é, e nem pode ser, para transformar

aqueles que vão receber esses recursos – ou que vão ser estimulados pela ação do Governo – em alguém que, automaticamente, deva apoiar os governos. Há uma incompatibilidade muito profunda entre o ser intelectual e o ser submisso. E o Presidente da República, sendo ele próprio um intelectual, jamais incorreria no engano de imaginar que haveria de criar instituições de Estado para absorver críticas no sentido negativo e que transformariam essas críticas em alguma coisa amortecida.

Pelo contrário. Um país vivo, um país que tem força suficiente e democracia é um país que entende que o Governo, quando nessa área faz alguma coisa, faz porque é de seu dever fazer e não espera nenhuma outra contrapartida, a não ser o amor ao Brasil e a capacidade daqueles que venham a ser estimulados para realmente realizarem as obras que o Brasil espera deles.

E eu encontrei o Ministro Weffort para fazer esse papel, para cumprir a determinação que eu tenho, que é normal, num mundo contemporâneo, para alguém que foi criado no meio da cultura.

Eu quero dizer a todos vocês que aqui se encontram que, na verdade, a partir já desta reunião, da promessa do Governador Cristovam Buarque, dos próximos encontros até mesmo aqui em Brasília, nós estamos provocando uma espécie de *overdose* cultural em Brasília. E isso me apraz.

Ainda, recentemente, no Itamaraty, estávamos juntos lá nós três, e muitos outros mais, na inauguração de uma mostra, de uma pequena mostra do acervo, que é riquíssimo, dos organismos oficiais, com relação à pintura brasileira. E dizíamos que era isso o que nós queríamos.

Eu só queria uma coisa. Tinha pedido à imprensa, naquele dia, que me deixasse olhar os quadros como cidadão. É preciso que Brasília volte a ter seu local de encontro com a simplicidade, em que o Governo não tenha que se exibir cercado por ninguém, a não ser pela compreensão de que, quando estão presentes governantes que foram eleitos, merecem o respeito daqueles que foram eleitos. Se não implica, como já disse aqui, a não-crítica, implica que se tenha uma convivência cidadã, em que se possa, com muita naturalidade, participar dos eventos culturais da cidade, como nós estávamos participando naquele dia e como voltamos a participar hoje. Que muitos outros eventos se multipliquem

em Brasília, não por causa dos governantes, não para que os governantes participem, mas para que a cidadania participe, para que os habitantes participem e possam usufruir da cultura.

Isto é um começo, mas é um começo alvissareiro, não só este encontro, mas os que temos feito juntos, temos feito com o Governador de Brasília, temos feito com as autoridades federais. Estamos convidando o conjunto do País a que se una nessa revalorização da relação entre Governo e cultura. E nós não descuidamos, sob a orientação do Ministro Weffort, de alguma coisa que é muito importante. A cultura tem muito aspectos, mas um deles se materializa, se objetiva e se transforma em história: é o patrimônio. E nós fomos muito descuidados com o patrimônio cultural brasileiro.

Apraz-me dizer que nós reiniciamos a restauração de 82 obras, 82 monumentos, e que não houve estado da Federação que não tivesse a possibilidade, através do Ministério da Cultura, de ver pelo menos um dos seus monumentos restaurado.

Eu me impressionei muito, na última campanha eleitoral – e disse isso em São Paulo –, quando visitei, no Pará, uma antiga igreja que fora dos jesuítas, que depois foram expulsos, e que estava lá há 50 anos sendo terminada, mas que não terminava nunca, e era um museu de uma valia extraordinária, muito bem-feito e muito bem cuidado.

É impossível que o Brasil conviva com isso, com a chaga aberta de um monumento que vai se deteriorando pela falta de um pouquinho de recursos. No caso do Pará, não se deteriorou, mas faltavam alguns recursos para acabar. Há muitos casos, e, por isso, nós homenageamos algumas das pessoas que aqui receberam os seus prêmios hoje porque cuidaram do patrimônio histórico. E é muito importante cuidar dele.

Só para lhes dar um exemplo: a famosa Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, inconclusa, que já há tanto tempo era aspiração de uma unificação maior do Brasil com seus vizinhos e, quem sabe, de algum acesso a outros mares, essa estrada estava abandonada, no meio do mato. Pois, hoje, está sendo reconstruída, não como estrada, mas como monumento, para que todos nós entendamos e louvemos aquele espírito pioneiro de brasileiros que se aventuraram – e quantos

morreram no meio da Floresta Amazônica – para deixar uma marca muito forte da sua presença.

Pois bem, hoje, essa estrada está aos cuidados do Ministério da Cultura e, em ligação com o Governo local, está sendo restaurada.

Não quero com isso dizer que tenhamos resolvido os problemas da cultura. Mas me apraz e me orgulha dizer também que dobramos o orçamento. Mas, mais importante do que isso, no que diz respeito a investimento, passamos de 12 milhões de reais para 100 milhões de reais. Isso não é nada. Quando olho algumas pessoas aqui, que entendem de números, sinto que sabem imediatamente – aqui são banqueiros alguns, outros dirigem grandes instituições federais – que não é nada. Mas é cinco vezes mais do que se dava antes. E é um começo. E também me apraz dizer que tudo isso está sendo feito – como já mencionou o Ministro Weffort – em cooperação com o setor privado.

No mundo moderno não pode ser diferente. Num país como o nosso, neste mundo mais modernizado, mais carente ainda de atenção básica à população, é importante que o Governo, ao dar o estímulo à área da cultura, não fique sozinho, porque ele vai ter que fazer muito mais, não só o estímulo, mas a espinha dorsal da saúde, da educação e tantos outros setores importantes.

Portanto, nós temos que apelar à iniciativa privada. E temos feito isso. A lei do incentivo cultural permitiu já uma transformação grande. Nós modificamos um pouco essa lei. Ela tem história: veio do ex-Presidente Sarney, passou pelo Secretário Rouanet e está sendo modificada para facilitar a canalização de recursos privados para a área da cultura. Mais do que isso, o Governo Federal dispõe – como é sabido – de uma série de empresas estatais, muitas delas com marcantes serviços prestados à sociedade e à economia do País, mas nunca houve uma coordenação do dispêndio dessas empresas no que diz respeito a sua atividade promocional, institucional e mesmo de propaganda. No passado, algumas delas promoviam concursos na Europa, o que tem sua importância, mas certamente poderiam ser deixados para outra oportunidade. Como, por exemplo, a corrida de kart. Em vez disso, nós estimulamos as empresas estatais, e elas, hoje, estão investindo na cultura.

Só no Ministério das Comunicações – e o Ministro Sérgio Motta, recém-vindo de uma operação, aqui está –, conseguimos o financiamento de dez restaurações. Aproveito para convidar outros dirigentes de empresas estatais a fazerem o mesmo, a utilizarem os seus recursos de publicidade, de propaganda institucional na área da cultura, porque isso promove muito mais o conhecimento ou mesmo o prestígio das instituições e permite que, com escassos recursos do Governo Federal, seja possível, através dessa ampliação, atender de forma mais consistente à área da cultura.

Noutros termos, nós ambicionamos reviver momentos, na área da cultura, que o Brasil já desfrutou, quando, por exemplo, Gustavo Capanema ou Aluisio Magalhães puderam dedicar-se a essa área com empenho.

Tenho a certeza de que, na gestão do Ministro Weffort, nós vamos ter uma marca muito forte de reconhecimento da importância da cultura e a presença muito ativa daqueles que participam do mundo da cultura nesse empreendimento de revalorização da cultura no Brasil.

Isso se faz porque, de alguma maneira, nós estamos, no Brasil, fazendo uma espécie de refundação republicana. Que me entendam bem, não é do Presidente da República, é do conjunto do País.

O País cansou de ser o gigante adormecido. O País cansou dos desmandos, do arbítrio, da inflação, da desordem, da incapacidade e da descrença. E hoje começa a ser um país que confia, começa a ser um país em que já se sabe, já se pode antever que os problemas, a seu tempo, vão sendo equacionados e resolvidos.

Deu-me uma grande alegria, hoje, ver, num dos jornais mais importantes da República, uma pesquisa do Dieese que demonstra que, neste ano em curso, o salário das pessoas empregadas que não têm carteira assinada e o dos que têm carteira assinada – os 10% mais pobres – tiveram aumento de 36% em termos reais. E todos tiveram aumento.

Isso é fundamental. Se nós imaginarmos que vamos poder promover a cultura, que vamos poder realmente fazer com que este Brasil creia em si mesmo sem que a população mais pobre do País tenha um alento, sem que essa população sinta concretamente que algo está mudando

em seu benefício, as coisas não andam e se volta àquilo que castigou tanto o nosso passado: um certo isolamento entre o Estado e a sociedade, uma certa desconfiança de que, quando o Governo mexe na cultura, é para manipular uma certa descrença e que, realmente, existe um “nós”, existe alguma coisa que, apesar da diferença, pode unir, e é preciso que isso que pode unir esteja muito vivo na presença de todos nós.

Nós estamos refundando a República. Nós estamos revendo conceitos difíceis de serem revistos. Em várias áreas. Na educação, o Ministro Darcy Ribeiro tem um projeto que tem o meu apoio, a Lei de Diretrizes e Bases, na questão das escolas primárias, na redistribuição dos recursos de tal maneira que o professor primário tenha um salário melhor. Já mandei para o Congresso essa medida. Estamos mexendo em assuntos que são dessa natureza. Estamos tratando de ver como se reorganiza o Estado de tal maneira que o Estado não seja clientelista nem corporativista.

Não é fácil. É muito difícil, porque os interesses estão organizados. Quando se fala do Programa Comunidade Solidária, logo se pensa que alguém – no caso, pensam que é a minha mulher, a Ruth – que não tem nada a ver com isso é quem vai distribuir recursos. Não percebem que é outra coisa. O Brasil tem muito recurso. No orçamento de 96, 65% dos recursos são destinados à área social. Será que o povo sente? Tenho minhas dúvidas, porque nós não estamos habituados a gastar bem esses recursos. Nós não temos os mecanismos de controlar o gasto desses recursos. O Comunidade Solidária é o mecanismo para controlar o uso dos recursos existentes. Não é uma outra instituição para distribuir recursos: é para fazer com que os recursos existentes cheguem lá embalado. Só há um jeito: que esses recursos não sejam distribuídos nem por um critério político, nem burocrático. Ou seja, que a própria comunidade, a própria sociedade participe da decisão sobre para onde vão ser alocados os recursos.

Programa de habitação? Claro. Mas quem é que vai decidir? É o deputado, é o Presidente, é o ministro? Ou vai haver um critério técnico e um debate com a sociedade para que os grupos digam “É aqui ou é ali que se vão colocar esses recursos”? Isso implica reformar o Estado. Reformar o Estado não é só fazer uma reforma na Constituição, mudar

a administração, mudar não sei o quê, por mais importante que seja. É reformar práticas, é fazer com que a gestão seja diferente. E isso é muito difícil. Mas nós estamos fazendo.

Não se vai fazer isso se nós tivermos um desenvolvimento capenga do Brasil. Por “capenga” eu quero dizer um desenvolvimento em que se pense só no crescimento da economia, que é fundamental e está sendo mantido. Mas é preciso que haja, ao mesmo tempo, uma visão nova de como se mobiliza a sociedade, como o Estado atua na hora em que ele tem que fazer a alocação de recursos.

E aí eu lhes diria o seguinte: pode parecer paradoxal, mas eu vou repetir o que disse em São Paulo, no encontro da cultura. No centro dessa temática está a questão da cultura, porque a escolha, a opção, a capacidade de decidir, a possibilidade de, ao distribuir, não perder de vista o conjunto requer um espírito inovador.

Hoje, para se refundarem, como eu disse aqui, as instituições republicanas, para que haja tudo de necessário para isso, é preciso que haja, também, um espírito de aventura. É preciso que haja, também, a capacidade de inovar. E isso ou vem da cultura, ou não existe. E cultura aqui é *amplo sensu*, antropológicamente falando. Ou existe essa força que vem da criatividade, da diversidade, da liberdade, sem a qual tampouco nada disso existirá, ou não vai haver a energia política, a energia administrativa nem a energia social necessárias para que as transformações se operem.

E isso é o que eu quero desses encontros. Do que nós precisamos nesses encontros é precisamente isso. É despertar o País para o que há de fundamental na criatividade. Por mais que se diga e por mais que se imagine que nós vivemos, hoje, num mundo em que a sociedade é de massa e que a cultura é de massa, isso é uma ilusão, porque a cultura, no momento que nós vivemos, hoje, está ultrapassando esse limiar da imaginação, de que tudo se resolia através da cultura de massa, para outra vez ver-se que houve uma fragmentação imensa de tudo, inclusive dos públicos e dos criadores; e que é preciso, outra vez, que haja uma quase – perdoem-me e não me entendam mal – volta à artesania, num novo patamar.

De novo, valoriza-se aquilo que é feito especificamente, os públicos específicos, o artista específico, e isso é assim em tudo. Isso é assim na produção industrial.

Visitei, recentemente, a Volkswagen na Alemanha. Agora, os senhores podem visitar a Volkswagen em Resende. O chassi do caminhão que vai sair de Resende tem o nome do artesão responsável, do operário especializado, que é responsável por aquele chassi.

Nós estamos vivendo uma nova revolução tecnológica, que faz revalorizar esses aspectos da criatividade, da responsabilidade individual, da liberdade, porque é preciso ter liberdade para ser responsável. Isso se funde com a cultura.

Hoje, os senhores são produtores de cultura, criadores individuais, organizadores de cultura, produtores de cultura, *show business*. São parte da recuperação da dignidade da vida política e republicana, na medida em que são parte desse espírito de abertura de horizontes, que permite a energia necessária para que a mudança que nós estamos fazendo no Brasil, e precisa ser muito maior ainda, tenha realmente consequências práticas.

É com esse espírito que o Presidente da República está aqui não só como Presidente, mas como cidadão, como alguém que gostaria muito de poder estar ainda aí, na linha de frente da produção cultural, porque não perdeu o gosto por isso e sabe que o mundo mudou, mas sabe também que esse mundo que mudou requer um pensamento novo, requer uma energia nova, requer formas novas de expressão, e essas formas novas de expressão são a cultura.

De modo que, ao saudá-los, ao agradecer mais uma vez as palavras que foram ditas, as palavras generosas do Ministro Weffort a meu respeito, as palavras do Governador de Brasília, quero, mais uma vez, abraçar os homenageados.

Eu quero lhes dizer somente uma coisa. O mundo moderno é um mundo que requer liberdade e conhecimento. É um mundo da cultura, nesse sentido. E é um mundo no qual, como requer liberdade, conhecimento e criatividade, é preciso que cada um assuma também a sua responsabilidade. E a responsabilidade é individual. Nesses casos, não

há responsabilidade coletiva, é individual, e não adianta jogá-la no outro ou esperar que o outro faça. Isso vale para mim, também. Cada um tem que assumir a sua posição com coragem, enfrentar o que for necessário, assumir com convicção.

Se os produtores de cultura fizerem isso, como sempre fizeram no Brasil, e voltarem a fazer com muita energia; se o Ministro da Cultura continuar no caminho que está, do diálogo, do fomento; se as autoridades, como o Governador Cristovam Buarque, tiverem a visão aberta para o novo, que é necessária, que realmente é o que quer a sociedade, então, não tenhamos dúvida, nós estaremos cumprindo o nosso dever, nós estaremos ajudando o Brasil a ser aquilo que o seu povo deseja: um país com criatividade, um país com liberdade, um país com dignidade, com decência de vida, com meios de sobrevivência.

Não vamos ser capazes nem sequer de dar os meios de sobrevivência, se não tivermos a imaginação criadora, a fé e a convicção nas nossas descobertas, para que possamos efetivamente ajustar os recursos disponíveis às necessidades do País, que são imensas. Mas um país que tem criadores, como alguns dos que aqui estão, é um país que pode serenamente confiar no seu futuro. Eu confio.

Muito obrigado.